

## Criação do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - em Belém|PA

### 1. Introdução

A música popular brasileira faz parte da história e de memórias que compõem e trilham a cultura em nossa sociedade. Ultrapassamos o acrônimo MPB - Música Popular Brasileira para descrevê-la em um sentido agregado de referência à música popular<sup>1</sup>, no qual ela pode ser descrita como arte que renasce e matura-se freneticamente como caleidoscópio, com linguagem própria e substantivamente composta de complexidades. Sob a perspectiva das diversidades e pluralidades do Brasil, ela toca a poética rítmica de sons, cores e acordes, constituindo, portanto, patrimônio cultural.

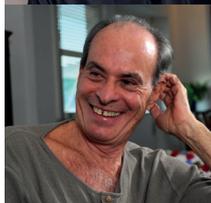
Aqui apresentamos um projeto. Projeto este que propõe a criação de um museu para abrigar objetos e memórias da música, o Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - , em Belém (PA), como instituição e instrumento de valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro representado pela música popular, em conformidade com os princípios fundamentais dos museus dispostos no Estatuto dos Museus<sup>2</sup>. Além disso, observa o cumprimento da função social dos museus relativa a educação e conscientização, e “de aumentar a capacidade de uma coletividade de projetar seu próprio futuro e de ser sujeito ativo – e não passivo – de sua própria história, a partir da consciência que passa a ter de si mesma” (BARBUY, 1989, p. 36). O Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - será físico, de caráter permanente e enraizado no território nacional, na região norte do Brasil.

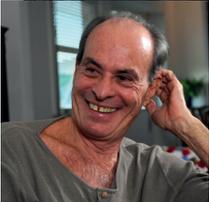
Não à toa o Instituto Brasileiro de Museus (**Ibram**) remete a concepção de museu à palavra “encontro”: encontro das pessoas com a Arte, com a História e, mais profundamente, com sua identidade. Encontros que não apenas deleitam e educam, mas que também são pontos de partidas de questionamentos e transformações. Hoje, mais do que antigamente, os museus se deslocam da ideia de instituições reservadas a poucos, distantes do povo. Eles se fortalecem como lugar de encontros e interações, seja no espaço físico ou virtual.

A proposta de criação do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB está centrada no dever de democratização do acesso à cultura e valorização dos bens culturais ligados à música popular do Brasil a fim de estimular, promover e preservar a memória da MPB. Além disso, o projeto propõe incluir o museu no segmento turístico do circuito cultural de Belém (PA).

<sup>1</sup>Ver: BAIA, Silvano Fernandes. A Historiografia da música popular no Brasil (1971-1999). Tese (doutoramento) Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2010, p.141.

<sup>2</sup>Art.2 da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm). Acesso em: 15 set. 2017.





O projeto de criação do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB foi idealizado pela artista plástica e designer Rose Pepe, profissional com experiência em comunicação visual, design, projetos para exposições e digitalização de acervos históricos e artísticos. Junto a ela, uma equipe de profissionais especializados em áreas como museologia, artes plásticas, fotografia, arquitetura, engenharia e comunicação, além da área jurídica, farão parte dos processos que permeiam a criação de um museu, desde a sua base legal à concepção do Plano Museológico.

A proposta de criação do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB abrange a definição dos objetivos, o perfil de equipe técnica, a definição do público-alvo, a metodologia e o cronograma de atividades e etapas, além da distribuição de recursos financeiros no orçamento. Nos tópicos seguintes está disposta a descrição detalhada dessas etapas para a entrega eficaz da proposta.

É importante frisar que o presente projeto está em acordo com a legislação brasileira sobre museus, especialmente a Lei nº 11.904/2009 ou Estatuto dos Museus, regulamentada pelo Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013, que versa sobre a institucionalização dos museus, a definição de recursos e de pessoal, a aplicação de técnicas museológicas, a preservação e recuperação de bens culturais musealizados e as demais informações sobre o setor.

## 2. Justificativa

### 2.1 A Música Popular Brasileira

A história da música popular brasileira remete ao período colonial, entre os séculos XVI e XVIII quando as cantigas populares, sons de origens africanas, cantos indígenas, músicas religiosas e músicas europeias se misturavam. Nos séculos XVIII e XIX dois ritmos se destacam: o lundu e a modinha. O primeiro, sensual e dançante, tem origem africana; o segundo, melancólico e erudito, tem origem portuguesa. Estes estilos, na segunda metade do século dariam origem ao choro, cujo um dos principais expoentes é a compositora e primeira maestrina brasileira, Francisca Edwiges Neves Gonzaga, nossa “Chiquinha Gonzaga”.

O samba, surgido no início do século XX, tem suas raízes no samba de roda, um tipo de dança de raízes africanas nascido na Bahia. No Rio de Janeiro, ele começa a se transformar no que é uma das mais relevantes manifestações culturais brasileiras juntamente com o carnaval. Em 1917, Ernesto dos Santos, o “Donga”, compõe o que seria considerado o primeiro samba, a canção Pelo telefone e em 1919 Pixinguinha lança seu primeiro trabalho Já te digo.

A popularização do rádio na década de 1930 inaugura uma nova fase da história da música popular brasileira, conhecida como o auge da Era do Rádio no país. Além de utilizado como fonte de divulgação das realizações do governo durante a Era Vargas

(1930-1945), o rádio permitiu também que a voz de artistas chegasse a várias regiões do país. Entre os compositores, destacavam-se Ary Barroso (1903-1964), Dorival Caymmi (1914-2008), Lupicínio Rodrigues (1914-1974), Pixinguinha (1897-1973), o “Poeta da Vila” Noel Rosa (1910-1937)<sup>3</sup>, entre outros grandes nomes que inspiraram a música brasileira.

A partir da segunda metade da década de 1940, o romantismo do samba-canção passou a dominar as músicas tocadas nas emissoras de rádio. Esse gênero musical teve como expoentes a cantora e compositora Dolores Duran (1930-1959), Maysa (1936-1977), Cauby Peixoto (1931-2016), Angela Maria (1929), Emilinha Borba (1923-2005), Nelson Gonçalves (1919-1998) e Dalva de Oliveira (1917-1972), além de diversos artistas consagrados da geração. A musicalidade nordestina também chamou atenção dos ouvintes no período, principalmente com o baião e o xaxado, e ganhou destaque com Luiz Gonzaga (1912-1989), Jackson do Pandeiro (1919-1982) e outros distintos compositores e intérpretes que se renderam aos ritmos do sertão.

Os estilos populares, a exemplo do samba-canção e da música nordestina, continuaram a ganhar as ondas do rádio no início dos anos 1950, enquanto o final da década é representado pelo prestígio da Bossa Nova e pelos primeiros passos para a implantação da televisão no Brasil, veículo que, posteriormente, acabou atraindo as verbas publicitárias<sup>4</sup> e a atenção dos telespectadores. Conforme relata o pesquisador musical Rodrigo Faour, a década de 1950 apresenta a fase de sedimentação da indústria cultural no Brasil<sup>5</sup>:

É quando o ambiente radiofônico (e, logo a seguir, televisivo) e nossa produção fonográfica (e cinematográfica) começam a ter espaço cada vez maior em jornais e revistas de variedades, bem como em uma série de publicações específicas, somente para falar de suas notícias, além, é claro, da vida dos artistas que reinaram nesses meios (FAOUR, 2015, localização 79-92, edição Kindle).

A partir dos anos 1950, época dos “amores mal resolvidos”, “foram gravados quase mil sambas-canções, quase todos com queixas amorosas”<sup>6</sup>, segundo Faour. Esse repertório dividia espaço no rádio com a Era do Baião, que teve início em 1946, com a chegada do disco Quatro Ases e Um Curinga, de Gonzagão e Humberto Teixeira (1915-1979), e encerramento em 1957<sup>7</sup>, apesar do estilo ainda ser apreciado.

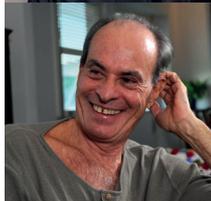
<sup>3</sup>Esses foram alguns dos artistas que representam a Época de Ouro do rádio, que durou até o golpe militar de 1945, ano que marcou o fim do Estado Novo com a deposição do presidente Getúlio Vargas, conforme indica Jairo Severiano no livro Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade.

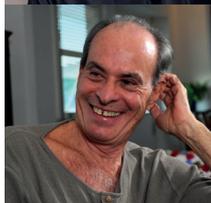
<sup>4</sup>EVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p.326.

<sup>5</sup>FAOUR, Rodrigo. Angela Maria: a eterna cantora do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

<sup>6</sup>FAOUR, Rodrigo. Angela Maria: a eterna cantora do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015, Cap. 4, localização 1722-1733, edição Kindle.

<sup>7</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p.281.





A Bossa Nova, com seu ritmo permeado pela influência da harmonia do jazz e da melodia do samba, surge no fim da década de 1950 no Rio de Janeiro. Entre suas maiores figuras estão o intérprete João Gilberto (1931), que lançou *Chega de Saudade* em 1958, Vinícius de Moraes (1913-1980) e Tom Jobim (1927-1994), os quais compuseram a canção citada. Avaliada como um dos mais influentes estilos da música popular brasileira, ela também ganhou destaque no exterior. Fazem parte dessa história, ainda, o letrista Ronaldo Bôscoli (1928-1994), as intérpretes Leny Andrade (1943), Nara Leão (1942-1989), considerada a musa da Bossa Nova, e o compositor Carlos Lyra (1939).

Na década de 1960, houve o aumento do número de emissoras de televisão e a popularização dos programas de auditório no Brasil. Esse tempo de crescimento, que se estendeu até 1972, também é caracterizado pela grande quantidade de festivais de música popular apoiados pelas TVs, em especial a Record, Globo e Excelsior de São Paulo e do Rio de Janeiro, que atraíam uma elevada audiência. As arenas musicais, além de contar com a participação de artistas veteranos, revelaram diversos compositores e cantores, entre eles Edu Lobo (1943), Caetano Veloso (1942), Chico Buarque (1944), Gilberto Gil (1942), Dori Caymmi (1943), Geraldo Vandré (1935), Milton Nascimento (1942) e Ivan Lins (1945). Intérpretes como Elis Regina (1945-1982), Nana Caymmi (1941) e Beth Carvalho (1946) também alçaram fama e admiração após participação nesses eventos.

O marco final<sup>8</sup> da Era dos Festivais é a realização da sétima edição do Festival Internacional da Canção (FIC), em 1972, que teve como vencedora do júri popular a música *Fio Maravilha*, composta por Jorge Ben (1945) e interpretada por Maria Alcina (1949). Porém, diversos artistas da geração de 1960 foram apresentados fora dos palcos dos festivais, como o cantor sambista Jair Rodrigues (1939-2014), o compositor do samba Martinho da Vila (1938) e as cantoras Clara Nunes (1942-1983), Gal Costa (1945) e Maria Bethânia (1946)<sup>9</sup>.

Vale ressaltar que na década de 1960 as notas e acordes das guitarras receberam mais espaço na música: com letras que indicavam a realidade de um Brasil urbano<sup>10</sup>, a turma do rock “iê-iê-iê” da Jovem Guarda ganhou um programa nas tardes de domingo da TV Record estrelado pelos cantores Roberto Carlos (1941), Erasmo Carlos (1941) e Wanderléa (1946) em 1965. O programa Jovem Guarda durou até 1968. Ainda no fim dos anos 1960, outra turma que também tocava guitarras elétricas - mas as uniam ao berimbau<sup>11</sup>, com influência de várias vertentes da música nacional e internacional, artes cênicas e literatura, iniciava um “movimento poético-musical de vanguarda, universalista-popular”<sup>12</sup>: a Tropicália.

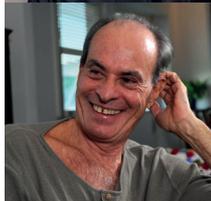
<sup>8</sup>ALBUQUERQUE, Célio (Org). 1973: O ano que reinventou a MPB. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013, localização 439, edição Kindle.

<sup>9</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p.380-381.

<sup>10</sup>DAPIEVE, Arthur. BRock: o rock brasileiro dos anos 80. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000, p.14.

<sup>11</sup>DAPIEVE, Arthur. BRock: o rock brasileiro dos anos 80. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000, p.15.

<sup>12</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p.383.



O Tropicalismo é evidenciado pelo lançamento das músicas *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso, e *Domingo no Parque*, de Gilberto Gil, no Festival da Record, ocorrido em outubro de 1967<sup>13</sup>. O movimento também é celebrado pela gravação do disco *Tropicália ou Panis et Circensis*, o qual contava com a participação de Gil, Caetano, além de Nara Leão, Tom Zé (1936), Gal, Os Mutantes (formado por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias), dos poetas José Carlos Capinan (1941) e Torquato Neto (1944-1972), e do maestro Rogério Duprat (1932-2006). O movimento, que entusiasmou artistas de outras gerações, acabou em 1968, logo após o exílio de Caetano e Gil.

O samba também exerceu forte influência nos anos 1960, principalmente com a instalação da casa de samba Zicartola, no centro do Rio de Janeiro. Criada pelo principal compositor da escola de samba Mangueira, Cartola (1909-1980), e por Zica, sua mulher, a casa de samba era frequentada por importantes artistas da música popular, incluindo da Bossa Nova. Nela, os produtores culturais Hermínio Bello de Carvalho e Albino Pinheiro organizavam apresentações regulares<sup>14</sup>, as quais revelaram grandes nomes do samba, como Paulinho da Viola (1942), e originaram memoráveis peças musicais, como *Rosa de Ouro*. Produzido por Hermínio, esse show foi estrelado por Clementina de Jesus (1901-1987), descoberta por ele, e Aracy Cortes (1904-1985).

Por sua vez, o Mestre Cartola – que havia sido reencontrado pelo jornalista Sérgio Porto em 1956, após um longo período longe do cenário artístico – emplacou diversos sucessos por volta dos anos 1960, como *Tempos Idos*, *Alvorada* e *Tive Sim*. Uma das maiores cantoras do samba, a carioca Elza Soares (1937), com “sua personalíssima voz rouca e um senso rítmico de inigualável precisão”<sup>15</sup>, e o sambista “Rei do Ritmo” Miltoninho (1928-2014) também viram suas carreiras despontarem naquele período. Quem também brilhou nessa época, mas com boleros românticos, foi o “Trovador” Altamar Dutra (1940-1983), com interpretações inesquecíveis, como a de *Sentimental Demais*.

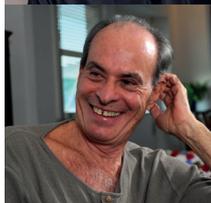
O começo da década de 1970 é indicado pela censura imposta pelo regime militar do governo Médici (1969-1974) à imprensa e às expressões artísticas, como a música, o cinema e o teatro. O “exílio em massa” de artistas com o fim da Era dos Festivais acabou acelerando o aparecimento de uma nova geração de músicos, como indica a jornalista Ana Maria Bahiana<sup>16</sup>. Isso originou, já em 1973, uma efervescência da multiplicidade musical no país:

<sup>13</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p.383.

<sup>14</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 406.

<sup>15</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 417.

<sup>16</sup>ALBUQUERQUE, Célio (Org). 1973: O ano que reinventou a MPB. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013. P. 444, edição Kindle.



[...] os tropicalistas já não causavam a estranheza original, seu talento já estava assimilado. A Bossa Nova já não era nova, mas continuava a produzir obras-primas; os sambistas de raiz já haviam sido descobertos (ou começavam a ser redescobertos). A Jovem Guarda já tinha tomado de assalto a juventude; o rock Brasil ainda não existia como instituição, mas produzia-se rock em várias vertentes, do rural ao progressivo, bem além do iê-iê-iê e Celly Campello. A multiplicidade musical do país estava fervilhante. Não era o ano da música de protesto, nem das canções melodiosas. Era tudo isso e mais um pouco (ALBUQUERQUE, 2013, localização 442-460, edição Kindle).

Conhecido como o ano que reinventou a MPB<sup>17</sup>, 1973 trouxe a estreia de importantes álbuns da música brasileira: o do precursor do BRock<sup>18</sup> Raul Seixas (1945-1989), criador de Mosca na Sopa e Metamorfose Ambulante, do trio Secos & Molhados, que tinha Ney Matogrosso (1941) nos vocais, de Luiz Melodia (1951-2017), de Fagner (1949) e João Bosco (1946).

Do Nordeste brasileiro, diversos artistas evidenciaram-se nesse período. Entre eles os pernambucanos Alceu Valença (1946), Geraldo Azevedo (1945); os paraibanos Elba Ramalho (1951) e Zé Ramalho (1949), o alagoano Djavan (1949) e os cearenses Fagner e Belchior (1946-2017)<sup>19</sup>. Foi também no início desse período que a banda Mutantes se desfez, em 1972, e Rita Lee (1947) iniciou carreira solo. Entre os sucessos dela estão Ovelha Negra e Mania de Você. Ainda, os anos 1970 representaram a grande década do samba: destacaram-se a cantora maranhense Alcione (1947), que emplacava canções como Não Deixe o Samba Morrer, Roberto Ribeiro (1940 - 1996), João Nogueira (1941-2000), além dos já citados Martinho da Vila, Paulinho da Viola e Clara Nunes, a qual passara a se firmar no gênero.

Já no soul, notabilizaram-se os cantores e compositores Tim Maia (1942-1998) e Luiz Melodia (1951-2017). Na década de 1970, as cantoras e compositoras Marina Lima (1955) e Ângela Ro Ro (1949), além de Zizi Possi (1956), Simone (1949) e Fafá de Belém (1956) foram também vozes femininas reveladas pela música brasileira.

A década de 1980, reconhecida pela consagração do rock no Brasil, é denominada BRock. De vários cantos do país, surgiram artistas e bandas que elevaram o gênero nacionalmente e ditaram os ritmos da época. Grupos como Blitz (cujos integrantes Evandro Mesquita, Fernanda Abreu e Lobão seguiram, posteriormente, carreira solo), Barão Vermelho, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Kid Abelha, RPM, Engenheiros do Hawaii, Ultraje a Rigor, Titãs, Capital Inicial, Ira!, assim como compositores e cantores, a exemplo de Lulu Santos (1953), viram suas carreiras decolarem nesse período. Destaca-se ainda Cazuza (1958-1990), que deixou a banda Barão Vermelho em 1985. O Circo Voador, na praia do Arpoador, no Rio de Janeiro, costumava ser o palco das apresentações de muitos desses artistas.

<sup>17</sup>ALBUQUERQUE, Célio (Org.). 1973: O ano que reinventou a MPB. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013, edição Kindle.

<sup>18</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 425.

<sup>19</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 422.

A música afro-pop baiana<sup>20</sup> também passa a ganhar o mercado fonográfico na década de 1980 com os cantores Luís Caldas (1963) e Carlinhos Brown (1962). Além disso, as cantoras e compositoras Margareth Menezes (1962), Zélia Duncan (1964), Cássia Eller (1962-2001) e Marisa Monte (1967) representam a geração de mulheres da música brasileira revelada no final da década.

Os anos 1990 são marcados pelo crescimento da música sertaneja, com forte apelo romântico, em que se destacam as duplas Chitãozinho e Xororó, Zezé di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo e João Paulo e Daniel. No rap também ganharam destaque Gabriel, o Pensador, O Rappa, Planet Hemp, Racionais MCs e Pavilhão 9. O rock brasileiro ganha nova tendência, com bandas voltadas para o público adolescente, como Charlie Brown Jr, Skank, Detonautas e CPM 22 e, de modo específico, a banda Raimundos, que misturava rock e baião ao modo de Raul Seixas.

Nos anos 2000, com a chegada do novo século e a digitalização das mídias, são lançados os MP3 players e torna-se cada vez mais frequente adquirir música através de downloads e redes sociais. O CD perde popularidade e a popularização dos downloads ilegais acaba criando um clima de tensão entre a indústria musical e o público, gerando dúvidas sobre a popularidade das músicas que alcançavam as paradas de sucesso. A fase mais recente da MPB vê despontar artistas como Lenine, Zeca Baleiro, Maria Rita, Maria Gadú, Céu, Marisa Monte, Ana Carolina, Isabella Taviani e Roberta Sá.

Diante do rápido panorama apresentado sobre a história da música popular no Brasil, ressalta-se a proposta para criação do Museu da Música Popular Brasileira – MUSEU DA MPB - com o objetivo de reviver e celebrar a importância de grandes artistas dessa história em suas várias nuances musicais e contextuais.

## 2.2. O Museu

Museus são instituições voltadas para “o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação da comunidade”<sup>21</sup>. A Constituição Federal Brasileira prevê o direito à cultura para todos os cidadãos, o qual também se revela no acesso a museus. Desse modo, os museus possuem o dever de garantir à sociedade o acesso à cultura através da promoção de serviços e experiências de qualidade.

O Brasil possui atualmente cerca de 3.000 museus e em uma década os investimentos no setor cresceram mais de 980%, acompanhados também de um crescimento do público de 15 para 80 milhões/ano, desde 2003, de acordo com o Instituto Brasileiro

<sup>20</sup>SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 450.

<sup>21</sup>Estatuto dos museus. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/lei/111904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/111904.htm). Acesso em: 15 set. 2017.



de Museus (Ibram)<sup>22</sup>. Apesar disso, 78,9% dos municípios do Brasil não possuem museus e cerca de 80% dos brasileiros nunca estiveram em um.

A cidade de Belém (PA) conta com 40 museus, sendo o Museu Paraense Emílio Goeldi<sup>23</sup> um dos primeiros do país. No período entre 2001 e 2009 foram criadas nove instituições na cidade, a maioria de caráter público, de acordo com o Guia de Museus Brasileiros<sup>24</sup>.

As tipologias de acervo mais comuns nos museus do Pará, ainda de acordo com o Guia, são Artes Visuais (65,4%) e História (50%)<sup>25</sup>. A proposta do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - encaixa-se na tipologia “Imagem e som” em que as coleções preservadas e comunicadas compõem-se de documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos. Os museus com acervos classificados em Imagem e Som correspondem a 30,8% dos museus paraenses<sup>26</sup>. Apesar de já existir o Museu da Imagem e do Som do Pará (MIS-PA), em Belém, a instituição contempla um acervo sobre manifestações culturais paraenses e não de âmbito nacional<sup>27</sup>, o que não vai de encontro à proposta para o Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - aqui apresentada. No Brasil não existe um museu propriamente dito sobre a música popular. O Museu da MPB localizado na cidade de Monte Verde (MG), apesar de registrado no Cadastro Nacional de Museus<sup>28</sup>, é uma instituição de caráter particular.

A criação do Museu da Música Popular Brasileira – MUSEU DA MPB - proposta neste projeto tem, portanto, caráter inédito no Brasil<sup>29</sup>. País de muitos contrastes, riquezas naturais e pluralidade cultural, o Brasil possui um grande potencial de desenvolvimento para o Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo Rural e Turismo de Aventura, tipos citados pelo Ministério do Turismo. Dentre eles, destacamos aqui o Turismo Cultural, “que se materializa quando o turista é motivado a se deslocar especialmente com a finalidade de vivenciar aspectos e situações que podem ser considerados particularidades da cultura” (BRASIL, 2008, p.13). Entre os principais atrativos do turismo cultural estão os museus, além de arquitetura (edificações especiais), gastronomia, artesanato e outros produtos típicos, além de música, dança, cinema e teatro, que consti-

<sup>22</sup>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Guia dos Museus Brasileiros. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_sudeste.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf). Acesso em: 24 set. 2017.

<sup>23</sup>LOPES, M. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

<sup>24</sup>Formulado a partir de dados do Cadastro Nacional de Museus criado pelo Ibram e Ministério da Cultura, em 2006 com o objetivo de mapear e cadastrar os museus brasileiros. Disponível em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_norte.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_norte.pdf). Acesso em: 19 set. 2017.

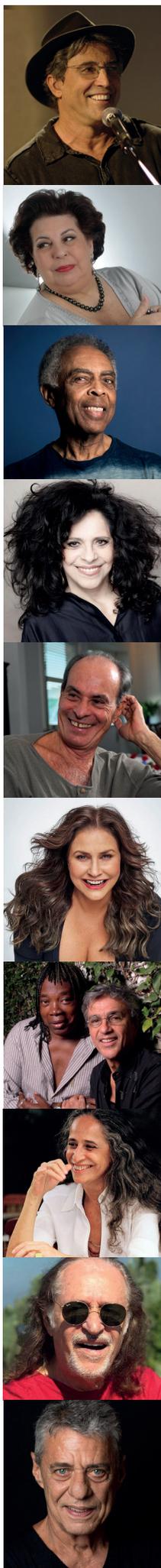
<sup>25</sup>Dados disponíveis em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus\\_em\\_Numeros\\_Volume\\_2A.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus_em_Numeros_Volume_2A.pdf). Acesso em: 19 set. 2017.

<sup>26</sup>Dados disponíveis em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus\\_em\\_Numeros\\_Volume\\_2A.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus_em_Numeros_Volume_2A.pdf). Acesso em: 19 set. 2017.

<sup>27</sup>Informações disponíveis em: [http://arteref.com/locais/brasil-1/belem-1/museu-publico/museu-da-imagem-e-do-som-do-para/#post\\_profile](http://arteref.com/locais/brasil-1/belem-1/museu-publico/museu-da-imagem-e-do-som-do-para/#post_profile). Acesso em: 19 set. 2017.

<sup>28</sup>Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8592/>. Acesso em: 23 set. 2017.

<sup>29</sup>A título de curiosidade, existe um museu virtual chamado Clube da Esquina, que contempla o movimento musical brasileiro homônimo surgido na década de 1960 em Minas Gerais, do qual faziam parte Milton Nascimento e os irmãos Marilton Borges, Márcio Borges e Lô Borges, além de artistas como Flávio Venturini, Vermelho, Tavinho Moura, Toninho Horta, Beto Guedes e os letristas Fernando Brant e Ronaldo Bastos. Disponível em: <http://www.museclubedaesquina.org.br/>. Acesso em: 23 set. 2017.



tuem bens culturais com valor histórico, artístico, científico ou simbólico com potencial de se tornar atração turística<sup>30</sup>. É preciso considerar que “se, por um lado, o turismo contribui para o desenvolvimento, o estímulo e a melhor qualificação dos museus, por outro, os museus contribuem para o estímulo e o desenvolvimento de práticas turísticas culturalmente qualificadas” (CHAGAS, NASCIMENTO JÚNIOR, 2009, p.25).

A instalação do Museu da Música Popular Brasileira – MUSEU DA MPB - na cidade de Belém (PA) deve, portanto, contribuir para o incremento do turismo receptivo internacional e doméstico na cidade ao oferecer infraestrutura (espaços equipados, exposições estruturadas e divulgadas), segurança, conforto e atrações culturais diversificadas, além de movimentar a economia da região, atendendo aos anseios da comunidade em que está inserida.

Em Belém, o local proposto para a instalação do MUSEU DA MPB é o prédio histórico **Palacete Pinho**, localizado no bairro Cidade Velha, o mais antigo da cidade, às margens do rio Guamá. Com inúmeros prédios coloniais históricos, muitos dos quais tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como a Igreja de Santo Alexandre, de 1719; a Catedral da Sé, de 1771; o Palácio Lauro Sodré (ou Palácio do Governo) e o próprio Palacete Pinho, de 1897 – tombado pelo Iphan em agosto de 1986 –, a Cidade Velha abriga parte importante da história do Ciclo da Borracha no Pará e da origem da população de Belém.

Em meados de 1897, o comendador Antônio José de Pinho encomendou ao arquiteto Camilo de Amorim a construção de seu palacete residencial na atual rua Doutor Assis (antiga rua do Espírito Santo), uma das três primeiras vias públicas para circulação urbana de Belém. Na inauguração desse solar, a cidade assistiu a um de seus mais belos saraus, no qual desfilou a moda parisiense e londrina, importada com exclusividade para a elite elegante de Belém, tanto a feminina como a masculina. Nos salões reuniam-se, com frequência, orquestras, artistas nacionais e estrangeiros, para promover concertos de cravo e piano, grandemente concorridos. À moda da época, não faltavam também declamações, para não falar dos bailes e jantares famosos de que o palacete foi palco, exibindo em suas mesas iguarias e bebidas do mais apurado gosto. Expressando o espírito de seu tempo, o palacete dispunha também de uma capela, que não conflitava com as festas profanas ali levadas a efeito. Com a morte de seu proprietário, ainda sobreviveu alguns anos. No entanto, com o falecimento, de certa forma precoce, de José Augusto Pinho, herdeiro do comendador, e com a crise econômica desencadeada pela queda da borracha no mercado internacional, o solar extinguiu-se espiritual e, por assim dizer, materialmente (BASSALO, 2008, p.137-138).

Atualmente o **Palacete Pinho** encontra-se fechado, mesmo tendo passado por uma reforma e uma reinauguração recentemente, em 2011<sup>31</sup>, e enfrenta problemas estruturais visíveis mesmo àqueles que só conseguem contemplar a sua fachada, rica em azulejos de origem alemã, e cujo desenho prenuncia o estilo eclético.

<sup>30</sup>BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo cultural: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO.pdf). Acesso em: 24 set. 2017.

<sup>31</sup>Disponível em: <http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-390601-predios-historicos-sofrem-com-des-caso-e-abandono.html>. Acesso em: 20 set. 2017.



Constituído de dois andares e um porão, com corpo central mais alto e recuado, o Palacete possui planta é em “U”, um pátio aberto na frente e limita-se por um gradeado. Arquitetonicamente caracteriza-se da seguinte forma:

A composição em arcos plenos com vergas retas ou em arco abatido, as sacadas em ferro entaladas ou levemente projetadas, o revestimento em azulejos, são encontrados em prédios do período colonial e imperial, mas neste caso se acrescenta um lambrequim em madeira. Os azulejos não são mais portugueses e sim alemães, da conhecida fábrica Ville Roy e Boch, e existe um porão alto com abertura em óculos - soluções que não tinham similares no bairro e que apenas começavam a ser implantadas na cidade. O prédio recua formando um jardim com grades ornamentais e colunas terminando em vasos decorativos<sup>32</sup>.

Considerando que o **Palacete Pinho** possui importante papel como elemento simbólico do espaço urbano de Belém, justificamos a instalação do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - em seu espaço. Para tanto, será proposta a reforma do edifício observando que das instalações e dos espaços de um museu dependem a preservação do acervo, bem como a segurança do público e dos funcionários da instituição, ou seja, “o estado geral de conservação do edifício e o bom funcionamento de seus diversos componentes são aspectos fundamentais na determinação da qualidade ambiental proporcionada às coleções e aos usuários” (CHAGAS, NASCIMENTO JÚNIOR, 2009, p.19).

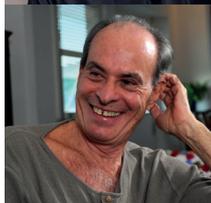
No projeto de reforma do edifício **Palacete Pinho** devem estar contempladas a restauração da fachada do prédio sem que seja alterada sua estrutura e a conservação de todas as suas características originais. Paralelo a isso, a iluminação deverá estar de acordo com a tipologia do acervo do museu. Neste projeto mais informações sobre as diretrizes de uso do **Palacete Pinho** estão dispostas no tópico Metodologia ao tratar do plano de ocupação dos espaços.

Com a reforma do prédio e a implementação do museu, espera-se que o fluxo de pessoas aumente no bairro Cidade Velha e que este seja um espaço de cultura para todos os seus moradores.

### 2.3 A idealização

A artista plástica e designer Rose Pepe é idealizadora do projeto Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - , que contará, ainda, com uma equipe de profissionais de reconhecidos mérito e repertório técnico, jurídico e cultural no processo de criação e gestão de museus. Considerando o museu como um processo inter e transdisciplinar, o pessoal deverá ser composto por profissionais de diferentes áreas e

<sup>32</sup>Site Ver-Belém. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?p=340&i=1>. Acesso em: 20 set. 2017.



níveis de formação, como museólogos, comunicadores, arquitetos, educadores, produtores culturais, seguranças, zeladores etc.

Rose Pepe possui graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes Alcântara Machado - FAAM São Paulo/SP (1989). Possui, ainda, formação complementar em design pelo SENAC/. Integrou durante 11 anos a equipe do Departamento de Museus e Arquivos da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, com atuação nas áreas de comunicação visual, design e museografia para exposição de acervos. Em 2000 criou a Acquerello, empresa voltada para a área de design e produções culturais.

Rose Pepe desenvolveu projetos expositivos para vários setores da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, atendendo aos museus da rede estadual (capital) Casa Guilherme de Almeida, Pinacoteca, Museu de Arte Sacra, Memorial do Imigrante, (interior) Museu Índia Vanuíre de Tupã/SP e Museu Casa de Portinari em Brodowski/SP. Entre seus principais projetos expositivos, individuais e coletivos, para mostras regulares e salões de arte estão:

- Sala São Paulo, Presépio Napolitano do Século XVIII;
- Museu da Imigração, Os Antonios;
- Sala São Paulo, Pixinguinha - com desenhos da coleção Elifas Andreatto;
- Tom Brasil, Chiquinha Gonzaga - uma trilha cenária;
- Galeria de Arte Malli Villas-Boas, ForAll - releitura sobre o forró;
- Estação Pinacoteca, 54º Salão de Arte Contemporânea de São Paulo;
- Secretaria de Cultura, As Semanas de 1922;
- Tom Brasil, Mostra MPB de Arte;
- Estação das Docas, 30 anos da TV Cultura-PA;
- Museu Histórico do Pará – Sesmarias;
- Memorial da América Latina – Alceu Valença (em andamento).

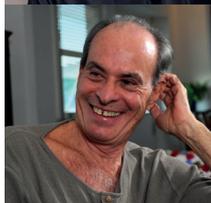
### Equipe técnica

#### a. Profa Dra Maria Ataíde Malcher (UFPA)

Pesquisadora e professora do ensino superior da área de comunicação – coordenadora de pesquisa e de toda parte comunicacional do projeto;

#### b. Profa Dra Jane Marques (USP)

Pesquisadora e professora do ensino superior da área de comunicação – responsável pela pesquisa do projeto;





**c. Claudete Tonella**

Produtora cultural, gestora financeira – responsável pela organização e captação de recursos para o projeto. Tem experiência com a Lei Rouanet de Incentivo à Cultura;



**d. Carlos Alberto Dêgelo**

Advogado – consultor jurídico do projeto;



**e. Diná Jobst**

Museóloga;



**f. Fernanda Chocron | Suzana Lopes | Weverton Raiol | Felipe Jailson**

Pesquisadores.



**3. Objetivos: geral e específicos**

**Objetivo geral**

Criar o Museu da Música Popular Brasileira – MUSEU DA MPB - na cidade de Belém (PA), no edifício **Palacete Pinho**, como espaço interativo de som e imagem de alta qualidade, sobre a história da produção musical popular do Brasil, tendo em vista as dimensões social e educativa dos museus.

**Objetivos específicos**



- Revitalizar do prédio histórico **Palacete Pinho**, em Belém (PA), onde será instalado o Museu da Música Popular Brasileira, também como estratégia de inclusão social;
- Promover o empoderamento sociocultural dos visitantes e da comunidade em que será inserido o Museu da Música Popular Brasileira;
- Disseminar o respeito ao patrimônio;
- Desenvolver o Turismo Cultural na cidade de Belém (PA) considerando o museu como bem cultural com potencial de se tornar atração turística;
- Estabelecer parcerias entre órgãos públicos e privados, universidades, escolas e sociedade civil, no geral, que tenham interesse nos setores de turismo, cultura e patrimônio.
- Elaborar e executar projetos voltados à comunidade, no sentido de promover a educação patrimonial e seleção dos recursos humanos do Museu na própria cidade.
- Estabelecer parceiros investidores e financiamentos que tornem real o projeto de criação do Museu e seu pleno funcionamento.



#### 4. Público-alvo/beneficiários

A transformação da relação do museu com o público está intimamente ligada ao status atribuído à coleção dentro da missão e dos objetivos do museu: se ela é considerada um meio e um instrumento para provocar diálogos, ou se os museus se veem apenas como um guardião de objetos e têm sua conservação como um fim em si mesma.

O Museu da Música Popular Brasileira- MUSEU DA MPB -, pelo próprio caráter de interatividade que propõe, encaixa-se no primeiro tipo. Nesse sentido, os públicos devem ser identificados ao mesmo tempo que devem ser criadas estratégias para atrair ou fidelizar novos visitantes. Os “estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes” estão previstos no §2º do Ar. 28 do Estatuto dos Museus.

Para Martins et al. (2013), os diferentes públicos de um museu podem variar bastante, mas é possível pensar nos seguintes estratos: público infantil, público familiar, público escolar, público com necessidades especiais, público adulto e idosos, e em atividades direcionadas a eles, dispostas no plano museológico. O público do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - deve incluir, neste sentido:

- Professores e educadores
- Estudantes (de todos os níveis, inclui o público infanto-juvenil)
- Pesquisadores
- Público espontâneo (do qual não se prevê a visitação)
- Turistas
- Outros.

De todo modo, espera-se que um museu tenha o público mais amplo possível, um caráter de universalidade. No entanto, não basta que apenas sejam abertas as suas portas para que isso se efetive. O plano museológico deve ser pensado no sentido de que sejam minimizadas as barreiras de acesso de diferentes públicos ao museu nos âmbitos econômico, físico, cognitivo e cultural.

Além disso, deve-se investir em estratégias capazes de criar uma relação acolhedora com o público, tais como oferecer uma boa infraestrutura e promover uma ocupação integradora do espaço, assim como está contemplada a proposta de uma “sucoteca” e uma livreria interativa no plano de ocupação dos espaços do Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - disposto no tópico Metodologia deste projeto.



## 5. Resultados esperados

Com a criação do Museu da Música Popular Brasileira espera-se, observando os princípios fundamentais dos museus dispostos no Estatuto dos Museus, promover a cidadania através do empoderamento sociocultural dos visitantes e da comunidade em que será inserido e a valorização e preservação do patrimônio cultural relacionado à música popular brasileira, seus artistas, movimentos e obras.

Além disso, através da universalidade de acesso e da valorização da diversidade cultural brasileira, em que está inserida a sua música, o Museu da Música Popular Brasileira deverá disseminar o respeito ao patrimônio material e imaterial representados aqui, inclusive, pelo **Palacete Pinho**, prédio tombado onde será instalado o museu.

Ao incluir o Museu da Música Brasileira na programação cultural da cidade de Belém (PA), espera-se não apenas atrair turistas internacionais e domésticos, mas também beneficiar a comunidade no que tange ao incremento econômico da região do bairro Cidade Velha, revitalizado a partir da transformação do **Palacete Pinho**, uma de suas construções mais emblemáticas, em museu. O espaço destinado a lanchonete, “sucoteca” e livraria, previstos neste projeto, devem criar uma relação acolhedora com o público (CÂNDIDO, 2014).

## 6. Metodologia

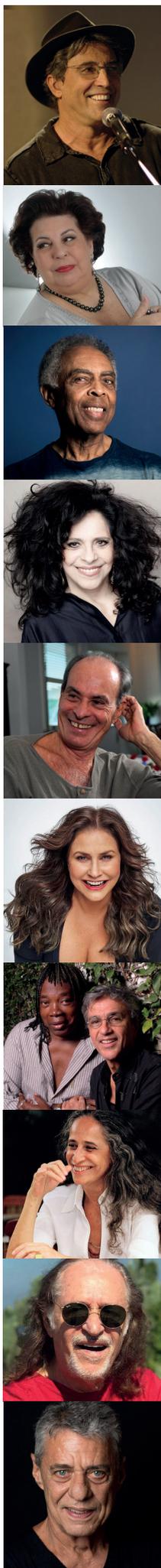
A criação e a gestão de um museu, assim como de qualquer outra organização, prediz a realização de um planejamento que, neste caso, se materializa no Plano Museológico – um conjunto de programas interdisciplinares que correspondem às atividades de gestão de um museu. De acordo com o Estatuto dos Museus<sup>33</sup>, Art.45, o plano museológico é:

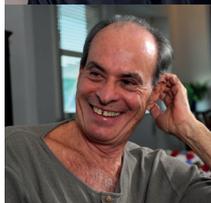
[...] compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade<sup>34</sup>.

Além disso, uma série de documentos se faz necessária para a criação de um museu (CHAGAS, NASCIMENTO JÚNIOR, 2014, p.14), entre eles:

<sup>33</sup>Uma vez que a criação de um museu (ou instituição museológica) gera responsabilidades em relação ao seu planejamento e gestão, faz-se necessário assegurar a sustentabilidade da instituição, além da apropriação dos conceitos dispostos nas Leis 11.904/09 e 7.287/84, que, respectivamente, institui o Estatuto Brasileiro de Museus e dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo.

<sup>34</sup>Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm). Acesso em 23 set.2017.





1. Registro da criação do museu através de decreto, lei, portaria, ata ou qualquer outro diploma legal;
2. Documento que defina seu estatuto jurídico e sua natureza administrativa; Estabelecimento da pessoa jurídica da instituição, regulamentada por diploma legal;
3. Criação e aprovação de um regimento interno;
4. Criação de um organograma;
5. Elaboração do Plano Museológico;
6. Local de instalação do museu;
7. Plano de ocupação dos espaços.

A seguir destrinchamos algumas destas etapas no âmbito deste projeto:

#### • Criação e aprovação de um regimento interno

Elaborado para estabelecer normas de funcionamento do museu: finalidade, objetivos, política institucional, papel e composição da diretoria, setores/departamentos e seus funcionários, formas de manutenção.

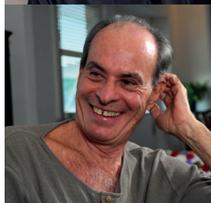
#### • Criação de um organograma

Representa a estrutura hierárquica do museu, que representa simultaneamente os elementos que o compõem e suas ligações. Deve prezar pela contratação permanente de uma equipe interdisciplinar composta, inclusive, de profissional museólogo para a realização dos procedimentos técnicos museológicos.

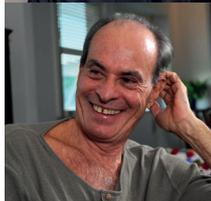
#### • Elaboração do Plano Museológico

Conforme Artigo 45º da Lei 11.904, o plano museológico é compreendido como “ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e ações de cada uma de suas áreas de funcionamento” (CHAGAS; NASCIMENTO JÚNIOR, 2009, p. 14). A elaboração do Plano Museológico compõe-se de três etapas<sup>35</sup>:

<sup>35</sup>Com base em INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Subsídios para a elaboração de planos museológicos. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, 2016. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Subs%C3%ADdios-para-a-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-planos-museol%C3%B3gicos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.



1. Caracterização, planejamento conceitual, diagnóstico e objetivos estratégicos: define o conceito do museu e realiza um diagnóstico dos ambientes externos e internos com vistas a definir objetivos estratégicos. Nesta etapa são definidos missão, visão e valores do museu.
2. Elaboração dos Programas:
  - a) Programa Institucional: inclui o desenvolvimento da gestão técnica e administrativa do museu.
  - b) Programa de Gestão de Pessoas: relacionado às ações destinadas a funcionários, colaboradores, prestadores de serviço, servidores e demais colaboradores para fins de capacitação e valorização de pessoal.
  - c) Programa de Acervos: abrange o processamento técnico e gerenciamento de acervos do museu, incluindo os de origem arquivística e bibliográfica.
  - d) Programa de Exposições: relaciona-se à organização e utilização de espaços e processos de exposição no museu.
  - e) Programa Educativo e Cultural: abrange as atividades educativas e culturais promovidas pelo museu para diferentes públicos e articuladas com diferentes instituições.
  - f) Programa de Pesquisa: abrange o processamento e disseminação de informações relacionados aos estudos de públicos, patrimônio cultural, museologia, entre outros.
  - g) Programa Arquitetônico-urbanístico: prevê a identificação, conservação e adequação dos espaços que envolvem o museu (livres, construídos e em torno da instituição), visando a adequação às suas funções e prezando pelo bem-estar dos usuários.
  - h) Programa de Segurança: abrange aspectos relacionados à segurança do museu, da edificação, do acervo e de seus públicos.
  - i) Programa de Financiamento e Fomento: deve prever estratégias de captação de recursos econômicos, além de sua aplicação e gerenciamento.
  - j) Programa de Comunicação: abrange ações de divulgação de projetos e atividade do museu e de preservação de boa imagem e reputação institucionais.
  - k) Programa Socioambiental: associa o desenvolvimento do museu e de suas atividades aos princípios e critérios de gestão ambiental.
  - l) Programa de Acessibilidade Universal: relativo à acessibilidade de todas as pessoas aos museus.



3. **Elaboração de Projetos no Plano Museológico:** prevê a elaboração de projetos adequados à maior parte das situações e condições existentes nos museus em consonância com o plano museológico. Devem ser observadas as etapas de início, organização e preparação, execução, e encerramento dos projetos, bem como as ações que os integram.

#### • Local de instalação do museu

Belém (PA), no **Palacete Pinho** (ver tópico Justificativa neste projeto).

#### • Plano de ocupação dos espaços

Considerando as necessidades mínimas de um programa arquitetônico para a instalação de um museu, propomos para o Museu da Música Popular Brasileira - MUSEU DA MPB - os seguintes espaços:

1. Recepção: bilheteria, espaço de acolhimento de público, lojinha e guarda-volumes;
2. Espaço para exposições de longa duração/permanente de obras bidimensionais e tridimensionais;
3. Espaço para exposições de curta duração/temporárias;
4. Reserva técnica: capaz de abrigar todos os suportes de todas as áreas que naquele momento não estão sendo utilizados, como cubos, painéis, vitrines, microfones, mesas, cadeiras etc.
5. Sala de administração: direção e secretaria;
6. Auditório: espaço para apresentações artísticas, seminários, palestras, debates e outros temas;
7. Salas de aula para cursos de curta duração;
8. Espaço interativo;
9. Sala para procedimentos técnicos com o acervo;
10. Espaços de apoio, guarda de materiais e segurança;
11. Espaços de serviços: almoxarifado, depósito, copa, banheiros e vestiários
12. Biblioteca/arquivo;
13. PIT (posto de informações turísticas);
14. Sala multimídia;
15. Lanchonete: com gastronomia regional;
16. Sucoteca: casa de sucos de frutas da região;

17. Livraria interativa: com material que o visitante possa escolher, pegar, folhear, ler o livro que lhe interessar.

Paralelo ao planejamento dos espaços, destacamos a necessidade de desenvolvimento de um plano geral de acessibilidade, já previsto no Plano Museológico, capaz de atender a todas as faixas etárias, gestantes, obesos, pessoas com mobilidade reduzida e deficientes visuais e auditivos. É importante, ainda, que o horário de funcionamento contemple as demandas locais e que sejam regulares e amplamente divulgados.

## 7. Início e término do projeto

Definir.

## 8. Cronograma

Definir.

## Referências

ALBUQUERQUE, Célio (Org). 1973: O ano que reinventou a MPB. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013.

BAIA, Silvano Fernandes. A Historiografia da música popular no Brasil (1971-1999). Tese (doutoramento) Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14022011-115953/pt-br.php>>. Acesso em 17 ago. 2017.

BASSALO, Célia Coelho. Art Nouveau em Belém. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2008. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/files/PDFs/Art\\_Nouveau\\_em\\_Belem.pdf](http://portal.iphan.gov.br/files/PDFs/Art_Nouveau_em_Belem.pdf). Acesso em: 21 set. 2017.

BARBUY, Heloisa. Museu e geração de cultura. In: Cadernos Museológicos, 2. Rio de Janeiro: MinC/SPHAN/Pró-Memória, 1989. p. 36-40.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo cultural: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf). Acesso em: 24 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 8.124 de 17 de outubro de 2013, que regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. Brasília, 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm). Acesso em: 24 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 31 set. 2017.

CABRAL, Sérgio. A MPB na era do rádio. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

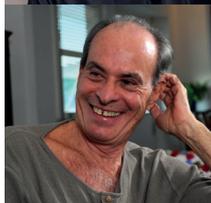
CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Orientações para Gestão e Planejamento de Museus. Coleção Estudos Museológicos. V. 3. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura (FCC), 2014.

DAPIEVE, Arthur. BRock: o rock brasileiro dos anos 80. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DINIZ, André. Almanaque do samba: o que ouvir, o que ler, onde curtir. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FAOUR, Rodrigo. A bossa sexy e romântica de Claudette Soares. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

\_\_\_\_\_. Angela Maria: a eterna cantora do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.





\_\_\_\_\_. Bastidores: Cauby Peixoto, 50 Anos da Voz e do Mito. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.



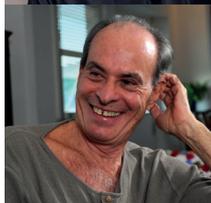
\_\_\_\_\_. Dolores Duran: A noite e as canções de uma mulher fascinante. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.



\_\_\_\_\_. História Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2011.



\_\_\_\_\_. Revista do Rádio: cultura, fuxicos e moral nos anos dourados. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.



INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museus e Turismo: Estratégias de Cooperação. Brasília: IBRAM, 2014. Disponível em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus e Turismo.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf). Acesso em: 24 set. 2017.



\_\_\_\_\_. Guia dos Museus Brasileiros. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_sudeste.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf). Acesso em: 24 set. 2017.



\_\_\_\_\_. Subsídios para a elaboração de planos museológicos. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, 2016. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Subs%C3%ADdios-para-a-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-planos-museol%C3%B3gicos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.



LOPES, M. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.



MARTINS, Luciana Conrado et al. (Orgs.). Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em: [http://www.percebeeduca.com.br/files/uploads/downloads/download\\_4.pdf](http://www.percebeeduca.com.br/files/uploads/downloads/download_4.pdf). Acesso em: 23 set. 2017.



MINISTÉRIO DA CULTURA. Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania. Brasília: MinC, 2003. Disponível em: [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica\\_nacional\\_museus\\_2.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf). Acesso em: 20 set. 2016.

www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica\_nacional\_museus\_2.pdf. Acesso em: 20 set. 2016.

MONTEIRO, Ricardo. A música popular brasileira na época de ouro: da era Vargas aos anos JK - período de 1930-1956. Disponível em: [http://www2.anhembibrasil.br/html/ead01/mpb\\_abord\\_semiotica/aula.6.pdf](http://www2.anhembibrasil.br/html/ead01/mpb_abord_semiotica/aula.6.pdf). Acesso em: 18 ago. 2017.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. Museologia: Roteiros Práticos. Planejamento de exposições 2. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. (Série Museologia, 2).

PARÁ (Estado). Sistema Integrado de Museus da Secretaria de Cultura do Estado do Pará. Disponível em: <http://cidoc.mediahost.org/archive/cidoc2002/comunicacoes/htm/comunicacoes/meira.html>. Acesso em: 4 set. 2017.

SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

## CONTATOS

**Rose Pepe**

T (91) 99208-3165

rose-pepe@uol.com.br

**Claudete Tonella**

T (11) 98017-4212

claunet@eventeiros.com